

Razões da realidade e da imaginação como consciência cética do mundo: experimentações poéticas de Wallace Stevens

Pedro Lucas Nascimento Carneiro*

Manoel Barreto Junior**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

RESUMO

Este artigo se propõe a analisar as tensões produzidas em torno das razões da realidade e da imaginação, como consciência cética do mundo, em suas dimensões discursivas e existenciais. Para tanto, toma-se como ponto de convergência as experimentações poéticas de Wallace Stevens (1879-1955), de modo a relacioná-lo à potência estética e ao papel da lírica moderna através de poemas dispersos de Stevens, sempre potencializados em perspectivas comunicacionais pelo fluxo ontológico de seus versos. De tal modo, através da metodologia bibliográfico-documental e à luz do aporte teórico de Paz (1982), Bosi (1997), Eliot (1982), Brasileiro (2012), Russell (2010), Nietzsche (2016) e Verdán (1998), busca-se evidenciar a relação entre a realidade e a imaginação, como matéria-poética, através das configurações temáticas na modernidade, articulada pelos interstícios e possibilidades existenciais, que através da eficácia poética, são capazes de traduzir os reflexos da vida em sua totalidade expressiva, pela qual a lírica moderna surge como categoria sócio-histórica e, portanto, intersubjetiva sensível ao lento e contínuo processo de antropomorfização.

PALAVRAS-CHAVE: Eficácia estética. Wallace Stevens. Consciência cética do mundo. Processo de antropomorfização. Poéticas da realidade.

ABSTRACT

This article focuses on analyzing the tensions produced through the reasons of reality and imagination, as a skeptical consciousness of the world, in its discursive and existential dimensions. Therefore, the poetic experiments of Wallace Stevens (1879-1955) are taken as a base, to relate it to the aesthetic power and role of modern lyricism through Stevens' scattered poems, always enhanced in communicational perspectives by the ontological flow of its verses. Thus, through the bibliographic – documentary methodology and grounded on the theoretical contribution by Paz (1982), Bosi (1997), Eliot (1982), Brasileiro (2012), Russell (2010), Nietzsche (2016), Verdán (1998), we intend to highlight the relationship between reality and imagination, as poetic matter, through thematic configurations in modernity, articulated by the interstices and existential possibilities, which, through poetic efficacy, are capable to translate the reflections of life in its expressive totality, through which modern lyric appears as a socio-historical category and, therefore, intersubjective, sensitive to the slow and continuous process of anthropomorphization.

KEYWORDS: Aesthetic effectiveness. Wallace Stevens. Skeptical Consciousness of the world. Anthropomorphization process. Poetics of reality.

* ORCID – contatolucasncarneiro@gmail.com
** ORCID – mbjunior@uneb.br

Recebido em 09/09/2024
Aprovado em 18/12/2024

Notas introdutórias ao percurso discursivo

A proposição deste artigo¹ tem por função discutir e analisar a respeito dos tensionamentos produzidos em torno das razões da realidade e da imaginação, como consciência cética do mundo, presentes na lírica do poeta modernista estadunidense Wallace Stevens (1879-1955). Desta forma, será concedida uma ênfase sobre como suas poesias, por meio da eficácia estética e ressignificação de palavras-destroço, são capazes de trazer o lento e contínuo processo de antropomorfização.

Sob essa lente, foram realizadas as leituras e análises contextuais, em língua inglesa, dos seus poemas que empenham as questões concernentes à realidade, à imaginação e ao ceticismo, em articulação com os estudos interdisciplinares e a crítica filosófica – sobretudo mediante aos diálogos entre poesia e filosofia, por meio dos estudos de Cícero (2012) e Zambrano (2002).

Aflorados tais pontos, o objetivo geral desta investigação orbita em comprovar que a poética de Wallace Stevens articula as tensões produzidas em torno das razões da realidade e da imaginação, como consciência cética do mundo, a fim de ampliar suas dimensões existenciais, como estratégia discursiva, ao revelar traços de suas experimentações poéticas – como tradução do lento e contínuo processo de humanização. Entretanto, ressaltamos que o nosso principal movimento crítico não se pauta em louvar o fenômeno comportamental do ceticismo como modo de vida ou prática social, mas sim analisar como o fazer poético stevensiano ressignifica, como matéria poética, essa palavra-destroço visivelmente desprezada entre as sociedades modernas, quando aproxima por via de seus versos a humanidade enquanto estado ou percepção de mundo.

Sendo assim, a poesia enquanto linguagem artística, influenciada, influenciadora e, sobretudo, interativa dos reflexos sociais, vem sofrendo intensas perdas simbólicas ante a uma sociedade coisificada e assolada pelos ideais capitalistas, aspecto que possibilita reflexões sobre o lugar que a poesia e o poeta ocupam nas sociedades modernas e contemporâneas. Segundo Bosi (1977, p. 141), o poeta é considerado doador de sentido, e o ato de dar nome, sentido e significado às coisas é visto como um dos principais parâmetros da poesia moderna, justamente porque este possibilita ao ser humano conhecer mais sobre si e o mundo em suas constantes transformações. A tal consideração, Paz (1892, p. 23) salienta que:

Não há cores nem sons em si, desprovidos de significação: tocados pela mão do homem, mudam de natureza e penetram no mundo das obras. E todas as obras desembocam na significação; aquilo que o homem toca se tingem de intencionalidade: é um ir em direção a... O mundo do homem é o mundo do sentido (PAZ, 1982, p. 23).

1. Esse estudo surgiu como resultado de uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida em 2020/2021, sob financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.

Contudo, ao levar em consideração a proposição acima referida, ante os traços contemporâneos, é importante refletirmos sobre tais regulações. Nessa perspectiva, Bosi (1997, p. 141) argumenta que com o advento da tecnologia, do capitalismo e da globalização, o poeta foi perdendo cada vez mais a sua competência em dar nome e sentido às coisas, pois a corrida contra o tempo e a lógica inorgânica do cotidiano produtivo foram dois aspectos responsáveis por tornar o ser, o tempo e a sociedade cada vez mais presunçosos, coisificados e reféns dos princípios dominantes. O lugar da poesia então tornou-se cada vez mais compelido na sociedade. A tal visão, Bosi ainda acentua que “a poesia há muito que não consegue integrar-se, feliz, nos discursos correntes da sociedade” (BOSI, 1997, p. 143), justamente pelo fato da valorização do mundo das coisas ofuscar as dimensões da palavra poética que em muito releva para nós sentidos e perspectivas antropomorfas.

Orbitando esse cenário desolador, a poesia em diálogos modernos e contemporâneos resiste ao presente caótico de um mundo produzido por humanos, mas que parece indisponível a estes, e que necessita, antes de tudo, se reinventar com os refugos, os escombros indigestos de uma sociedade enclausurada na mais-valia absoluta das coisas. Em contraponto, o fazer poético abre novos horizontes ao ampliar a realidade mediante uma série de reflexões que norteiam a atividade humana, como bem pondera Eliot:

Na verdade, há um erro de excentricidade em poesia que deve ser creditado à busca de novas emoções humanas a serem expressas; e nessa busca da novidade em lugares errados aflora o perverso. O objetivo do poeta não é descobrir novas emoções, mas utilizar as corriqueiras e, trabalhando-as no elevado nível poético, exprimir sentimentos que não se encontram em absoluto nas emoções como tais. E emoções que ele jamais experimentou servirão, por sua vez, tanto quanto as que lhe são familiares (ELIOT, 1989, p. 46).

Assim posto, avançamos para além das emoções e dos sentimentos primordiais que podem ser compreendidos como destroços da humanidade. Nessa perspectiva, o poeta ao se debruçar nessas fontes opostas aos princípios dominantes, se propõe a usufruir dessas temáticas – vistas como tabus sociais – como uma forma de fomentar respostas às imperfeições do mundo contemporâneo e revelar, como bem aduz Barreto Júnior, a capacidade da expressão lírica e “seus efeitos intersubjetivos que traduzem os reflexos da realidade, de maneira a potencializar as vivências e experiências humanas, em todas as suas dimensões ontológicas.” (BARRETO JÚNIOR, 2014, p. 3), ao atribuir ao humano aquilo que lhe pertence e se apresenta intrínseco à natureza humana, promovendo, por assim dizer, aberturas estéticas ao nosso lento e contínuo processo de humanização. Uma característica central que pode ser vista como uma peculiaridade de muitos escritores modernos como, por exemplo, Wallace Stevens, a quem iremos nos ater com maior precisão ao longo da próxima seção.

Entre razões, realidade, imaginação e consciência cética do mundo

A propósito, Wallace Stevens foi um poeta norte-americano nascido em *Reading* na Pensilvânia no dia 02 de outubro de 1879. Tido como um dos grandes nomes da literatura estadunidense do século XX e considerado por grandes críticos como um dos maiores autores da primeira fase do modernismo norte-americano, Stevens viveu uma vida enfadonha e distante dos holofotes, dando prioridade na maior parte do seu tempo à sua carreira de advogado. Enquanto estudante especial de Havard, foi fortemente influenciado pelos acadêmicos e literatos locais, como também pelos intensos debates que ocorriam no seio da instituição.

No curso desse período, tal como afiança Mariani (2017, p. 21), o jovem poeta foi completamente consumido pelas concepções linguísticas, religiosas, poéticas e humanistas de Norton e Santayana, que, por sua vez, ofereciam formas bastante produtivas para uma melhor compreensão das questões referentes à condição humana. Inclusive, foi através do filósofo e mentor hispânico George Santayana que o jovem poeta estadunidense herdou o ceticismo que mais tarde nortearia alguns dos seus poemas. Como poeta, Wallace Stevens desenvolveu um corpo de escrita bastante significativo, de modo que as tensões entre as razões da realidade e da imaginação presentes em sua lírica, abrem novas possibilidades para compreender o mundo por via da consciência cética de mundo.

Em sua coletânea de ensaios intitulada: *The Necessary Angel: Essays on Reality and Imagination* (1951), Stevens (2011, p. 136) afirma que a imaginação é considerada como uma das grandes potencialidades humanas. Uma faculdade que possibilita o sujeito enfrentar e resistir ante a dura e conflituosa pressão da realidade, vista para o autor como um aspecto impossível de ser apreendido em sua completa totalidade, ausente, por assim dizer, de faturalidade e significação. Um mero produto da ficção humana originada por meio da sensibilidade imaginativa. Essa visão manifestada por Stevens se encontra muito bem delineada nos versos do poema *Another Weeping Woman*, quando a voz poética que rege a tessitura lírica aponta para imaginação como sendo a única realidade possível nesse mundo imaginado a qual estamos inseridos: “*The magnificent cause of being/ The imagination, the one reality/ in this imagined world.*” (STEVENS, 1990, 55). Tais traços, por sua vez, promovem intensas aproximações para com o movimento cético, que por via dos seus princípios interpreta a realidade e seus fenômenos constituintes como sendo possibilidades, produtos oriundos da imaginação humana.

Neste sentido, ceticismo pode ser conceituado como uma das correntes filosóficas mais antigas da humanidade. Originada no curso do período helenístico, seu principal fundamento consiste, como bem afiança Russel, na concepção pela qual “não é desejável acreditar em uma proposição quando não existe nenhum fundamento para supô-la verdadeira” (RUSSELL, 2008, p. 9). Entretanto, buscando um conceito mais amplo para me-

lhor sustentar essa afirmação, o ceticismo, como alude Chauí, pode ser compreendido como a doutrina filosófica para qual “a razão humana é incapaz de conhecer a realidade e por isso deve renunciar à verdade.” Desse modo, “O cético sempre manifesta explicitamente dúvidas toda vez que a razão tenha pretensão ao conhecimento verdadeiro do real” (CHAUÍ, 2000, p. 92), examinando tais perspectivas pela ótica do possível, sem emitir um juízo de valor direcionado a sua completa negação e/ou afirmação.

Esse movimento, por sua vez, mesmo sendo considerado como uma atitude reacionária ou pessimista, é visto como necessário, uma vez que possibilita o surgimento de inúmeros questionamentos ante a aparência de certos princípios morais, valores tradicionais e dogmas que são tidos e compartilhados como concreto – mas que podem, em certa medida, ser constantemente revisados através da extrema e significativa presença do poético entre nós. Sobre essa questão, Smith afirma que os céticos são aqueles que, por meio da sua argumentação, demonstram que “não há nenhuma garantia de que conhecemos aquilo que alegamos conhecer. Segundo eles, não sabemos nada, não temos certeza de nada e podemos colocar tudo em dúvida; sequer sabemos que nada sabemos.” (SMITH, 2004, p. 07). Assim, a dubiedade e o caráter reacionário ante a necessidade de compreender a realidade em sua completa realidade e, por sua vez, reduzi-la a certas nuances platônicas e infundadas de argumentações plausíveis de aceitação, são vistos como traços centrais dessa corrente de pensamento.

De tal modo, os poetas que compartilham desses pressupostos buscarão interpretar, em sua lírica, tais valores e condutas tidos como concretos através da prática questionadora, desfrutando de uma postura crítica pautada na dúvida, na descrença, e, sobretudo, na suspensão do juízo – fenômeno que aqui denominamos por *epoché*². De tal modo, quando levamos em consideração a poética de Wallace Stevens, movimentada pelos tensionamentos entre realidade e imaginário, observa-se que o ceticismo vem refletido, em seus versos, de duas maneiras. A primeira delas se dá pela aparição de alguns questionamentos – às vezes em tom irônico – e imanes dúvidas no que tange às dubiedades da realidade, como também uma certa oposição à natureza platônica e dogmática; uma vez que, um dos principais fundamentos do comportamento cético consiste em “manter uma atitude crítica diante da pretensão dogmática de ter descoberto a verdade. Desconfiar das afirmações precipitadas desses filósofos e questionar suas teses [...]” (SMITH, 2004, p. 6). A segunda maneira se caracteriza pela presença de críticas direcionadas aos valores tradicionais e supremos da modernidade, como também a certas condutas morais que permeiam na esfera social, buscando não só uma suspensão, como também uma substituição desses princípios por outras formas livres e distintas que, ao

2. O fenômeno caracterizado pela “suspensão de juízo (*epoché*) quanto à possibilidade ou não de algo ser verdadeiro ou falso.” (MARCONDES, 2019, p. 19).

invés de ofuscar a realidade em sua completude, apontam para novas saídas antropomorfas de compreensão de mundo.

Nessa proposição, podemos apontar os poemas intitulados de *Of Heaven Considered as a Tomb* (2017), (O céu concedido como um túmulo) e *The Worms at Heaven's Gate* (2017), (Os vermes aos portões do paraíso), como aquelas tessituras poéticas que melhor sustentam o ponto de vista acima referido, uma vez que a sua intensa carga de ceticismo e aspectos pertencentes ao imaginário popular são capazes de oferecer, por assim dizer, um jogo de raciocínio entre leitor e poeta; elemento que nos oferecem um melhor auxílio para ampliar a compreensão acerca do discurso (ou crítica) existente por trás do poema.

O céu concebido como um túmulo

Que palavras tens, intérpretes, dos homens
Que no túmulo do céu vagam à noite,
Fantasmas sombrios da nossa velha comédia?
Acreditam que varreriam o impiedoso frio,
Com lanternas em riste a iluminar o caminho,
Livres da morte, a buscar incansavelmente
Aquilo que sempre procuram? Ou a memória
Deste sepultamento, sustentado como portal
De passagem espiritual para o nada,
Prenunciando cada noite como a única e abismal,
Onde o anfitrião não mais vagará, nem a luz
Da absoluta lanterna cruzará o véu da escuridão?
Clamará suas vozes aos macabros comediantes,
O oco deles incita às mais altas distâncias,
Para que colham respostas do seu gélido Eliseu.

(Tradução nossa, 2021)

Of Heaven Considered as a Tomb

What word have you, interpreters, of men
Who in the tomb of heaven walk by night,
The darkened ghosts of our old comedy?
Do they believe they range the gusty cold,
With lanterns borne aloft to light the way,
Freemen of death, about and still about
To find whatever it is they seek? Or does
That burial, pillared up each day as porte
And spiritous passage into nothingness,
Foretell each night the one abysmal night,
When the host shall no more wander, nor the light
Of the steadfast lanterns creep across the dark?
Make hue among the dark comedians,
Halloo them in the topmost distances
For answer from their icy Élysée.

(STEVENS, 2017, p. 34)

Nessa obra, publicada pela primeira vez em 1921, o autor faz uso de um aspecto fruto do imaginário coletivo da sociedade americana da época, como também da mitologia grega; nesse caso, a crença do paraíso, e, sobretudo, da imortalidade. Desse modo, o eu lírico, em seus versos, se propõe a satirizar as falsas convicções acerca da vida pós-morte, ao alegar que esta é uma certeza inalcançável pelo ser humano. Sendo assim, os funerais e as cerimônias fúnebres são descritos no poema como um portal, uma passagem espiritual para o nada, tendo em mente a complexidade e a impossibilidade de um ser vivo apontar com tamanha certeza o que ocorre após o fim.

Sob tal perspectiva, o eu lírico introduz o seu poema com uma interrogação direta ao leitor, que, nesse caso, são cognominados nos primeiros versos por *interpreters* (intérpretes). Durante aos três primeiros versos, nota-se que o sujeito lírico, mantendo a sua postura impessoal, se propõe a direcionar alguns axiomas aos leitores: o primeiro, se esses intérpretes seriam capazes de alegar, com firmeza, o que ocorre após o fim? E se sim, existindo essa possibilidade de confirmação, que palavras, contato ou relações esses possuem com os finados para que essa proposição seja vista e defendida com total concretude? Aqui, percebe-se que a postura cética de Stevens consiste em buscar a suspensão do juízo mediante o tropo da regressão ao infinito proposto por Agripa, que se baseia na ideia de que “se quisermos garantir uma afirmação por meio de uma prova, o cético exigirá que o argumento invocado seja por sua vez demonstrado, e assim por diante, ao infinito, o que é impossível.” (VERDAN, 1998, p. 39). Ou seja, se é possível que o intérprete afirme a existência concreta da vida após o fim do ciclo vital, o eu lírico solicitará argumentos que comprovem essa visão, criando, por assim dizer, uma completa indefinição (*απορία*), pois as afirmações que serão apresentadas pela persona a qual os questionamentos são direcionados, necessitarão de outros indícios para sustentar sua constatação pelo simples fato de serem produtos inalcançáveis pela razão humana.

Ainda nesses mesmos versos, nota-se que o eu lírico se dispõe, novamente, a fazer mais um questionamento aos leitores. Dessa vez a respeito dos homens e dos fantasmas sombrios da velha comédia, interrogando se estes realmente perambulam pelo túmulo do céu à noite com lanternas em riste a iluminarem o seu vasto caminho. Nesta perspectiva, Stevens ao usufruir da expressão *Tomb of heaven*, se refere propriamente ao céu, ou melhor, ao paraíso. A palavra derivada do grego *Παράδεισος* e que em livre tradução significa lugar supremo, surge teologicamente, nesse contexto, como fruto da espiritualidade. Um aspecto que marca presença no imaginário popular de muitas religiões, dado que o paraíso, em especial a crença platônica do mundo superior e inferior tal como apresentado por Platão em sua obra *república*, é visto como um lugar sagrado onde os mortos residirão em paz até o momento do julgamento final. Por essa razão, se torna perceptível, nesses versos, a primeira aparição referente ao ceticismo, ou seja,

a oposição ao platonismo. Um aspecto visto como um dos principais fundamentos do comportamento cético, quando busca, através da atividade questionadora, interpretar e se colocar em condição de dúvida e descrença perante a veracidade de tais princípios, levando em consideração que a atitude do cético sempre será “dubitativa (ou aporética), ou seja, ela se situa a igual distância da afirmação e da negação.”, conforme ainda aponta Verdan, (1998, p. 38).

Durante os quatro segundos versos desse poema, observa-se que o eu lírico, ainda mantendo uma postura cética, se propõe a lançar, novamente, algumas proposições similares às que foram realizadas no curso dos versos anteriores. Um aspecto que nos leva a crer que esse poema articula um possível jogo entre leitor e poeta, uma vez que os axiomas lançados surgem como uma forma de melhor refletirmos, através da prática questionadora, a respeito das questões ponderadas pelo eu lírico. Assim, nota-se que o sujeito lírico se dispõe a perguntar diretamente aos intérpretes se estes realmente confiam que os homens e os fantasmas sombrios varreriam o impiedoso frio, como entidades espirituais, com lanternas em riste a iluminar seu vasto caminho, completamente livres da morte a buscar, sem trégua, aquilo que sempre procuram. Nesse ponto, é notório destacar, nos três últimos versos, a visão do eu lírico sobre essa possível “continuidade da vida” que muitos apontam após o fim, pois a expressão *To find whatever they seek?*, nesse contexto, vem empregada com uma certa dose de ironia e ceticismo, visto que, aquilo que os mortos sempre procuram não pode ser alcançado em vida, pois estes não existem mais, portanto, não possuem mais nenhum propósito a ser atingido, muito menos a capacidade de retornar a vida mundana para responde a tais mistérios que rondam a existência humana.

No curso dos cinco terceiros versos desse poema, é perceptível que o ceticismo que rege boa parte desse escrito poético acaba sendo intensificado. Aqui, o eu lírico faz uso da expressão *“as a porte and spiritous passage into nothingness”* para fazer uma alusão aos enterros e às cerimônias fúnebres como um portal espiritual de passagem para o nada, refutando completamente os mitos que norteiam a vida pós-morte, como também a crença pertencente ao imaginário coletivo da sociedade cristã estadunidense da época. Nesse contexto, ao empregar o termo *“into nothingness”*, a voz lírica não se dispõe a negar a existência de um outro mundo, em contrapartida, se coloca em uma posição de dúvida e descrença perante a uma certeza inalcançável pelo ser humano dado que, ao contrário dos filósofos dogmáticos que possuem a pretensão de encontrar uma afirmação concreta em certas proposições, os céticos, como argumenta Verdan, “se contentam em dizer que não a encontraram e que ela lhes parece inencontrável, sem, no entanto, excluir, pelo menos em princípio, a eventualidade de tal descoberta” (VERDAN, 1998, p. 37). Aqui, pode-se dizer que o eu lírico atinge um estado conhecido como a *epoché*,

fenômeno característico do comportamento cético que se pauta na suspensão do juízo e na tranquilidade da alma (ataraxia) perante tais proposições duvidosas.

Nos versos finais dessa composição poética, o eu lírico acaba por sugerir aos leitores que clamem suas vozes e suposições aos macabros comediantes, para que assim colham respostas do seu mais gélido *Elysée*. A tal fator, observa-se que a *persona* do poema, na medida em que transita entre o imaginário popular e a mitologia grega, quando associa o Elísio como o lugar onde os mortos pousarão pela eternidade, apresenta diretamente mais uma característica face ao ceticismo: a oposição ao platonismo. A propósito, nesses versos, o mitológico *Elysée* é descrito como um lugar gélido. O frio, nesse contexto, traduz uma ideia de neutralidade, de deslocamento temporal inalcançável – sobretudo pela razão humana.

Tais temáticas discutidas e evidenciadas pelo poeta estadunidense em sua lírica fortemente marcada pelos diálogos entre os tensionamentos da realidade, imaginação e ceticismo, também se apresentam recorrentes no célebre e imagético poema intitulado *The Worms at Heaven's Gate* (2017) [Os vermes aos portões do paraíso]. Nessa composição lírica, em contraste ao escrito poético analisado anteriormente, torna-se perceptível que o ceticismo não se revela totalmente explícito no corpo textual do poema, mas sim em pequenos fragmentos tais quais títulos e expressões, que muito revelam aspectos da consciência cética do mundo.

Deste modo, em *The Worms at Heaven's Gate* (2017) o leitor se defronta diretamente com o eu lírico fazendo uso de um elemento que surge como fruto do imaginário popular da sociedade cristã da época, com o intuito de melhor refletir acerca das questões pertinentes à crença da vida pós-morte, que se apresenta articulada à visão platônica do mundo superior e inferior – céu e inferno. A tal propósito, uma das características centrais desse poema consiste, além da presença do ceticismo, na aparição de imagens corpóreas em decomposição, como examinaremos a seguir:

Os vermes aos portões do paraíso

Da tumba, trazemos Badrulbadur,
Em nossos ventres, sua carruagem.
Eis um olho. E eis aqui, um por um,
Os cílios desse olho e a alva pálpebra.
Eis a face em que a pálpebra descia,
E aqui, dedo após dedo, eis a mão,
O gênio dessa face. Eis os lábios,
Eis o fardo do corpo, mais os pés.

Da tumba trazemos Badrulbadur.

(STEVENS, 2017, p. 32)

The worms of heaven's gate

Out of the tomb, we bring Badroulbador,
Within our bellies, we her chariot.
Here is an eye. And here are, one by one,
The lashes of that eye and its white lid.
Here is the cheek on which that lid declined,
And, finger after finger, here, the hand,
The genius of that cheek. Here are the lips,
The bundle of the body and the feet.

Out of the tomb we bring Badroulbador.

(STEVENS, 2017, p. 32)

O poema tem como ponto de partida a persona lírica descrevendo nuances do processo de putrefação, ou seja, o quinto estágio da morte. Assim como em *The emperor of Ice Cream* (2017), (O imperador do sorvete), o poeta articula algumas expressões como */protrude/*, */cold/* e */dumb/* para denotar o processo de *algo mortis*³, nessa composição poética, o eu lírico ao fazer jus à palavra *worms* (vermes), bem como a outras partes do corpo, tais como */finger/*, */lips/* e */eye/*, evidencia por meio de imagens o processo de decomposição da matéria.

A primeira aparição do ceticismo nesse poema ocorre no título, momento pelo qual nota-se a presença de vermes aos portões do paraíso. De tal maneira, o sujeito lírico ao empregar em seus versos a expressão *heavens gate*, faz uma clara alusão, em tom irônico, ao paraíso judaico-cristão – empregando novamente como dispositivo lírico em sua poética, elementos que flertam com o imaginário popular de muitas tradições religiosas. Observa-se nesses versos novamente uma oposição à natureza platônica, tido como um dos principais fundamentos desse fenômeno comportamental enraizado na dúvida e na descrença que observa a tentativa de responder aos fenômenos da existência inalcançáveis pela razão humana como meros produtos da imaginação humana. Em uníssono a tal circunstância, outro ponto interessante que se revela na composição poética desse poema diz respeito a possível analogia realizada pelo eu lírico entre os parasitas como devoradores das figuras celestiais que habitam o paraíso. A tal questão, julgamos importante estabelecer, nesse instante, um paralelo para com a narrativa bíblica do *cherubim* Uriel, que possuía como função maior vigiar de modo correto os portões do paraíso. Nesse poema, os vermes desempenham a função cética primordial de interpretar a veracidade existente entre certas condutas, crenças e valores morais, cuja razão humana não detém o poder de alcançá-la.

3. Segundo estágio da morte.

Assim sendo, ao tomarmos como base o primeiro e o último verso, notemos que a manifestação dos princípios céticos na poética stevensiana, se dá por meio de jogo metafórico. É perceptível que o eu-lírico, mantendo a sua postura impessoal, faz uma referência a *Badroulbador*, personagem conhecida na literatura Árabe que, nesse poema, é apresentada como morta pelo simples fato de se encontrar no túmulo. Contudo, a voz lírica do poema ao fazer jus à expressão *out of* acaba por traduzir uma curta imagem do processo de ressurreição da matéria; como se a personagem antes descrita como morta estivesse retornando novamente à vida, saindo completamente do túmulo onde havia sido enterrada, como se torna perceptível no primeiro e no último verso, embalados pela expressão: “*Out of the tomb we bring Badroulbador*”. Por essa lente, para o cético, tais argumentações acerca da vida pós-morte são vistas como um produto especulativo da imaginação humana, um fator que merece ser interpretado com total dubiedade pela ausência de fundamentos concretos que apontem para as contingências de sua fatualidade. Neste instante, se faz necessário, mais uma vez, realizar a suspensão do juízo ante a tal proposição, atingindo, por assim dizer, o fenômeno da *epoché*. Através dessa tessitura poética, Stevens se vale de um ceticismo caracterizado por uma postura crítica e radical. Afinal, como acentuado por Marcondes, esta se revela como uma das características basilares dessa corrente de pensamento, quando busca:

[...] problematizar as crenças ingênuas do senso comum, nossos preconceitos e formas habituais de ver as coisas, adquiridas de modo acrítico (a “certeza desarticulada”), dando início a uma atitude filosófica mais autêntica, questionadora, reflexiva, ciente de suas limitações e de seus pressupostos (a “hesitação articulada”) (MARCONDES, 2019, p. 153).

Apresentado aqui a primeira manifestação do comportamento cético na dicção poética de Wallace Stevens, partimos agora para uma análise mais detalhada acerca da segunda forma, que nesse caso se caracteriza pela presença da crítica direcionada à moral. Segundo De Sousa, a moral se define como “um aglomerado de normas para controlar o comportamento do grupo humano em que está inserida por intermédio de valores que foram construídos pelo que, muitas vezes, conhecemos como costumes e tradição” (DE SOUSA, 2009, p. 14). Ou seja, trata-se, de maneira mais direta, de uma gama de comportamentos, ideias e crenças criadas pelos seres humanos e compartilhadas entre si sem nenhuma evidência pragmática de verdade.

Nessa perspectiva, nota-se que alguns poemas representativos de Wallace Stevens, movidos pela eficácia estética e articulações com elementos que flertam com as razões da realidade e da imaginação, há uma certa inclinação, em um tom demasiadamente cético, para uma questão que se volta para a substituição desses valores morais em decadência. Para tanto, por meio da argumentação construída em sua poética, nota-se

que a postura do eu lírico busca a adoção de outras formas mais significativas (como por exemplo a arte e os fenômenos da natureza) de valoração, que possibilitam, assim, novas maneiras de se compreender o existir humano por via de uma lente antropomorfa.

De tal modo, observa-se tais tendências mencionadas presentes no poema intitulado *Lunar Paraphrase* (2017), [Paráfrase Lunar]. Nessa tessitura lírica, é notável que o poeta acaba por conceder algumas forças para elementos que compõe a realidade, e não para as figuras religiosas tidas como incertas, como produtos da imaginação humana – tal qual Jesus e Maria. Esse aspecto pode ser apontado como uma característica central do cético, quando situam a existência dessas divindades como fatores dotados de enigmas que, por sua vez, flertam com o inteligível pelas lentes das razões humanas. Observamos o poema a seguir:

Paráfrase Lunar:

A lua é a mãe do páthos e da piedade,

Quando, no fim do novembro mais exaustivo,
Sua antiga luz se movimenta ao redor dos galhos,
Débil, lentamente, dependendo apenas deles;
Quando o corpo de Jesus jaz em uma palidez profunda,
Humanamente próxima, e a figura de Maria,
Tocada pela fina geada, encolhe, em um esconderijo
Feito pelas flores, que se deterioraram e caíram;
Quando ao redor das casas, uma ilusão dourada
Traz de volta uma prévia estação silenciosa,
E acalenta o sonho dos napeiros em meio a escuridão –

A lua é a mãe do páthos e da Piedade.

(Tradução nossa, 2021)

Lunar Paraphrase

The moon is the mother of páthos and pity,

When, at the wearier end of November,
Her old light moves along the branches,
Feebly, slowly, depending upon them;
When the body of Jesus hangs in a palor,
Humanly near, and the figure of Mary,
Touched on by hoar-frost, shrinks, in a shelter
Made by the leaves, that have rotted and fallen;
When over the houses, a Golden ilusion
Brings back an earlier season of quiet
And quieting Dreams in the sleepers in darkness –

The moon is the mother of pathos and pity

(STEVENS, 2015, p. 114)

Preliminarmente, temos o eu lírico numa tarde crepuscular, tensionando reflexões em torno da existência. A expressão *end of november*, empregada no curso do segundo verso, acompanhada também pelos termos *old light* e *along the branches*, são algumas imagens que traduzem a estação do outono. Assim sendo, a voz lírica descreve a lua como a mãe do páthos e da piedade. Na filosofia, o termo páthos, oriundo do grego *πάθος*, pode ser caracterizado como um misto de emoções relacionadas a uma dualidade entre paixão e sofrimento.

Nesse poema, ao fazer uso desse fenômeno, Stevens propõe uma discussão ao que concerne o páthos moral da verdade. Com ideias partindo de uma perspectiva nietzscheana, busca, ainda, evocar em sua lírica traços simbólicos que dialogam com o ceticismo. Afloradas tais questões, e consoante com Nietzsche (2007, p. 11), a busca constante do sujeito pela verdade é vista como um aspecto que traduz o a aniquilação e o aprisionamento da espécie humana. Isto porque, ao se agarrar aos demais valores tidos como absolutos, a ficção conduz a consciência humana a um processo fantasmagórico de negação do real diante de uma certeza forjada pela ilusão, vista, por assim dizer, como uma projeção inalcançável dada as clausuras epistemológicas existentes em seu cerne.

Desse modo, nota-se que o eu lírico faz menção a algumas representações religiosas como Jesus e Maria, quando acionam o imaginário popular e seus clamores intersubjetivos. Assim, conforme acentuado por Verdán, para o cético, a existência dessas divindades é tida como um fator incerto, pois, entre as opiniões dos dogmáticos e dos ateus relativos à existência, estes “declararam que considerando a igual força dos argumentos pode ser que os deuses existam ou não” (VERDÁN; EMPÍRICO, 1998, p. 48). Ou seja, através da atividade questionadora, buscam examinar certos axiomas em dubiedade pela lente das possibilidades e não da completa anulação. Esse procedimento desenvolvido pela filosofia cética, busca interpretar certas crenças e valores construídos pela perspectiva do factual, como “uma maneira de mostrar que a pretensão filosófica de um conhecimento metafísico da realidade é impossível ou inalcançável.” (SMITH, 2004, p. 37), visto que, a razão não se detém a abarcar o real em sua totalidade, havendo apenas feixes distintos que caminham para as possibilidades representativas de sua constituição.

Assim sendo, no curso dos seus versos, é perceptível que a voz lírica não concede esse misto de forças que invocam emoções e sentimentos, conhecido como o páthos, para essas figuras tidas como incertas. Mas sim para os elementos da natureza como a lua e o outono que, por sua vez, preenchem a própria realidade. Diante disso, é bastante representativo a visão materializada por Nietzsche, quando afirma que a arte “é mais poderosa do que o conhecimento, pois ela é que quer a vida” (NIETZSCHE, 2007, p. 11). Nessa perspectiva, o sujeito, ao tornar-se vítima dos valores superiores da modernidade construídos sob o plano de um falseamento, alcança as demais formas antropomorfi-

zadas de valorização da vida apenas como último estágio. Isso porque este se encontra em um processo contínuo de corrosão, vazio e cada vez mais distante de si, do mundo, e daquilo que se considera essencial para o existir-humano.

Em tons de considerações finais

Mediante as reflexões apressadas, e em concordância com as perspectivas teórico-metodológicas adotadas no curso das nossas análises, constata-se que a dicção poética de Wallace Stevens (1879-1955) tensiona as relações entre realidade e imaginação, de modo a revelar uma consciência cética do mundo. O poeta, ao recuperar um fenômeno comportamental visivelmente rejeitado pelas sociedades modernas e contemporâneas – o ceticismo – e retroalimentá-la, em seus versos, como matéria poética, oferece ao leitor novas/outras maneiras de compreender o mundo e a existência por via de uma postura questionadora.

Nesse contexto, em meio a uma sociedade marcada pelo consumismo e pela produtividade, responsáveis por coisificar as relações humanas, a poética hermética de Wallace Stevens explora a realidade, o imaginário e o ceticismo como dispositivos que buscam promover a autoanálise e a reflexão crítica ante as questões cotidianas que norteiam a atividade humana. De certo, uma característica que pode ser apontada como um dos principais fundamentos do trabalho poético, quando busca, como ressaltado por Bosi, “projetar na consciência do leitor imagens do mundo e do homem muito mais vivas e reais do que as forjadas pelas ideologias [...]” (BOSI, 1997, p. 12). Um empenho que se revela como necessário, na medida em que tende a aproximar o sujeito cada vez mais da sua própria realidade, materializando um exercício cujo propósito consiste em advertir para o estado desumano e reificado que das relações humanas – impactadas pelos princípios ideológicos que obscurecem as condições materiais da existência, conforme salientado por Tyson (2014. P. 54).

É por essa razão e, diante desse contexto, que Brasileiro observa que a poesia não busca promover a salvação, mas sim alertar, de maneira intensa, para “uma possibilidade de um ainda maior enclausuramento dos homens em sua cegueira” (BRASILEIRO, 2012, p. 145), como forma de evidenciar como a consciência reificada pode desestruturar as nossas propriedades humanas, empedernindo-nos contra sentimentos, emoções e estados comportamentais essenciais à nossa condição.

Assim, pode-se inferir que a poética de Wallace Stevens, ao articular elementos tais quais realidade, imaginário e ceticismo, traduz o lento e contínuo processo de humanização, na medida em que apresenta a dúvida e a descrença como elementos comuns e centrais da experiência humana. Logo, por meio da força catalisadora da atividade

poética, seus versos convidam-nos, como bem aduz Smith (2004, p. 10), a examinar, por meio daquilo que, em um primeiro momento se apresentou banalizado, as maneiras pelas quais conhecemos o mundo.

Referências

BARRETO JÚNIOR, Manoel. Poéticas modernas em expressão anglófona: destroços, fissuras e replicâncias. *Revista Babel*. v. 4, n. 2, p. 12-25, dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/babel/article/view/1402/926>. Acesso em: 27 jan. 2022.

BARTZAK, Kacper; MÁCHA, Jakub. *Wallace Stevens: Poetry, Philosophy, and Figurative Language*. [S.l]: Editora Peter Lang. 2018.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

BRASILEIRO, Antônio. *Da inutilidade da poesia*. Salvador: Editora EDUFBA, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Direito à Literatura*. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre azul, 2012.

CÍCERO, Antônio; NASCIMENTO, Evando. *Poesia e filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre azul, 2012.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

DE SOUSA, Mauro Araujo. *Nietzsche: Viver intensamente, tornar-se o que se é*. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

ELIOT, Thomas Stearns. Tradition and the individual talento. *Perspecta*, v.19, 1982. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=00790958%281982%2919%3C36%3ATATIT%3E2.0.CO%3B2-1>. Acesso em 27 jan. 2022.

ELIOT, Thomas Stearns. *T.S Eliot: Ensaios*. Tradução: Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1898.

MARCONDES, Danilo. *Raízes da dúvida: ceticismo e filosofia moderna*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2019.

MARIANI, Paul. *The Whole Harmonium: The Life of Wallace Stevens*. [S.l]: Editora Simon & Schuster; Reprint Edition, 2017.

NITRINI, Sandra. *Teoria Literária e Literatura Comparada*. São Paulo: Editora EDUSP, 2010.

NIETZSCHE, F. *O Anticristo e Ditirambos de Dionísio*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2016.

NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre o Phatos da verdade. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Trad. Pedro Sússekind. Editora 7Letras, 2007.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Trad. Olva Savary. Rio de Janeiro: Editora Nova, 2013.

RUSSELL, Bertrand. *Por que não sou cristão*. L&Pm Pocket, 2011.

RUSSEL, Bertrand. *Ensaíos Céuticos*. Trad. Marisa Motta. L&Pm Pocket, 2008. 196 p.

SERIO, John N.; BEYERS, Chris (org.). *The Collected Poems of Wallace Stevens: The Corrected Edition*. 2. ed. United States of America: Editora Vintage, 2015.

SMITH, Plínio Junqueira. *Ceticismo*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.

STEVENS, Holly. *Letters of Wallace Stevens*. [S. l]: Editora Alfred A. Knopf, 1996.

STEVENS, Wallace. *Wallace Stevens: [O Imperador do sorvete e outros poemas]*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.

TYSON, Lois. *Critical theory today: A user-friendly guide*. Editora Routledge, 2014.

VERDAN, André. *O ceticismo filosófico*. Trad. Jaimir Conte. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.

ZAMBRANO, Maria. *Filosofia e poesia*. Bologna: Edizioni Pendragon, 2002.